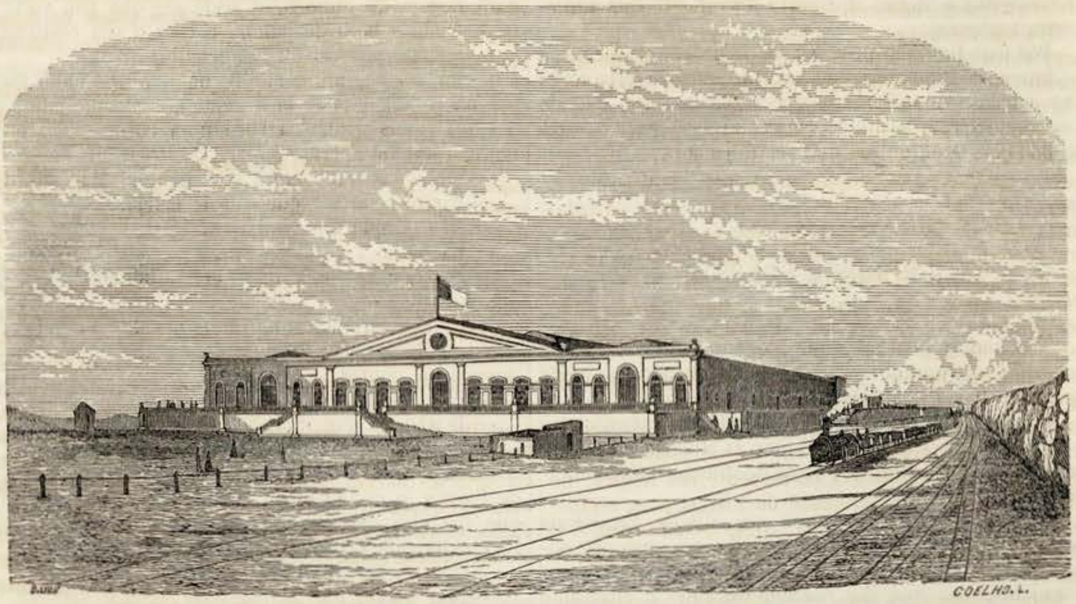


Caminho de ferro do Sul — Estação principal no Barreiro

A estação principal do caminho de ferro do sul, cujo desenho estampámos, é sita n'uma praia proxima á villa do Barreiro, na margem esquerda do Tejo, em frente de Lisboa, distante em linha recta 9 ou 10 kilometros d'esta cidade. A construcção é elegante. O frontispicio tem 68 metros de comprimento com 16 janellas, 3 portões, e relogio no frontão.

O pavimento da estação fica em nivel sobranceiro ao terreno adjacente, mas tem facil accesso por uma larga escada de cantaria de dois lanços, que dá sobre um vasto terrasso, tudo guarnecido de gradaria de ferro.

O fundo do edificio, incluindo o terrasso, é de 95 metros, occupando a superficie de 6460 metros quadrados. Tem quatro salas mui espaçosas para os passageiros das differentes classes, e accommodações para algumas repartições. Ao sul do edificio ha um armazem para mercadorias, com duas vias para entrada e saída dos vagons carregados, onde tambem está a estação telegraphica. Ao lado do norte ha vasto local com as necessarias officinas, cujas machinas são movidas por um locomotor fixo.

A *gare* é no centro da estação, e são de ferro as cambotas do tecto, coberto de vidro e ferro galvanisado, tendo de largura 32 metros sobre 67 de comprimento, com plataforma e cinco vias para seu movimento. O terrasso e passagens interiores são asfaltados, com bordaduras de cantaria.

O caminho de ferro do sul abriu-se á circulação publica em 1 de fevereiro de 1861, e tem actualmente em exploração 69 kilometros; 56 na linha principal do Barreiro a Vendas-Novas, e 13 no ramal de Setubal. Partindo d'uma praia, de não facil accesso e desembarque, vae este caminho terminar n'uma aldeia, atravessando terreno pela maior parte deserto e inculto, contando-se apenas as tres pequenas povoações do Lavradio, Alhos-Vedros e Moita, entre o Barreiro e Vendas-Novas. Por estas circunstancias é que até agora a exploração d'este caminho tem sido pouco lucrativa.

No ultimo anno, de 1862, o numero de passageiros transportados foi 84:188: e o peso das mercadorias conduzidas 32:696 toneladas de 1:000 kilogrammas, que pagaram 54 contos, ou mais de metade da receita total, que chegou a 102 contos em numeros redondos; consideravel relativamente á extensão do caminho explorado, mas que foi absorvida quasi toda pela despeza, que subiu a 91 contos.

O pequeno excedente ou lucro liquido de 11 contos representa apenas o juro de 1,17 por cento em relação ao preço de 939 contos, pelo qual o governo comprou esta via-ferrea á empreza constructora. O estado incompleto do caminho; as más condições de accesso ás estações terminos, ou antes a todas; a insufficiencia do material circulante, e outras causas mais secundarias, concorreram para este resultado, apesar do zelo e intelligencia do director, o engenheiro Sebastião do Couto e Castro Mascarenhas. Todavia a receita tende a augmentar, mesmo dentro dos actuaes limites d'esta via-ferrea, e de certo crescerá progressivamente com a proxima abertura da secção de Vendas-Novas a Evora na extensão de 59 kilometros, e o prolongamento de 60 kilometros, que não tardará, de S. Thiago do Escurial a Beja, principaes centros de producção da rica provincia do Alemtejo.

Na parte explorada até Vendas-Novas, já o desenvolvimento da cultura e riqueza publica é manifesto e importante. Proximo ao Pinhal Novo formou-se e prospéra uma vasta colonisação, que principiou pelo estabelecimento de varios trabalhadores empregados na construcção da linha. Vieram depois outros, quasi todos do districto de Aveiro, convidados pelas vantagens que lhes proporcionou o lavrador José Maria dos Santos, dono do terreno colonisado, facultando-lhes por adiantamento instrumentos de lavoura, gados, sementes, estrumes, e até comestiveis; formando assim de cada proletario um cultivador proprietario. D'este modo tem conseguido povoar aquellas paragens, havendo hoje na superficie de 4 kilometros de largura sobre 6 de comprido, 270 familias que proximamente contam 1:000 pessoas, sendo 600 adultos e 400 menores. O dito lavrador Santos aproveita estes colonos

para cultivar em grande escala as suas vastas propriedades n'aquelles sitios, onde já plantou 400 milheiros de bacello e 10:000 pés d'oliveira, em terrenos ainda ha pouco inteiramente incultos. É um cidadão benemerito e digno de muito louvor por esta utilissima empreza.

Por este limitado ensaio póde-se julgar da benefica e immensa influencia que os caminhos de ferro terão no estado economico e prosperidade do paiz, quando se completarem as linhas em construcção para o Porto e Badajoz, e as outras que se projectam.

Carlos José Caldeira.

UM HOMEM FUNESTO

(Conclusão. Vid. pag. 106)

Não contava Barnabé que a menina Barros visasse logo ao matrimonio; e ficou muito pensativo no modo por que havia de fugir a tão séria instancia.

D. Henriqueta era mui ciumenta e exclusiva em seu amor. Se viesse a conhecer as intenções de Barnabé, poderia entrar em actos de grande colera e dessassisada furia.

Cuidava portanto Barnabé em illudir Ermelinda com fallazes promessas, dizendo-lhe ora que não podia pedil-a senão quando tivesse a claro todos os seus negocios, ora que lhe parecia estranho e insensato dar similhante passo, sem d'ella haver primeiro recebido, ao menos, uma prova incontestavel do seu amor.

Não deu Ermelinda por estas razões, e fez com que Barnabé executasse de prompto as suas promessas.

Estava o casamento tratado, e Ermelinda gozando em silencio o seu triumpho, quando um incidente inesperado veiu transtornar tudo, e dar nova face á historia que estou relatando. Como Barnabé andasse uns dias mais apartado de D. Henriqueta do que era seu costume, começou esta de antever que secretos laços o prendiam a outra mulher.

Ora D. Henriqueta, diga-se a verdade em justiça da sua alma, era extremamente sensivel, e estimava devéras a Barnabé. Porque, não sei. Caprichos de mulher!

D. Henriqueta esperou muitos dias a Barnabé, estranhando a ausencia d'elle, pois desde que o recebêra não havia deixado de ser assiduo. N'este periodo teve a viuva accessos ora de colera, ora de saudade, conforme o modo por que olhava para o apartamento do que escolhêra para seu segundo marido.

Impacientada, lançou mão da penna e escreveu o seguinte bilhete.

Ingrato!

Ha dias que o espero. Não se concebe que um homem abandone a mulher que apenas começou a amar. Não faz idéa que martyrio tem sido o meu! De casa ainda não sáio, apesar do medico que me tem vindo ver affirmar que o exercicio me seria proficuo. Deixei seccar as tristes violetas que ao pôr do sol iamos colher ao jardim, passeando ébrios de ventura por entre as acacias em flor. O gatinho francez que comprámos n'aquelle dia em que andei na baixa, a procurar fazenda para o vestido que levei ao beneficio d'aquelle actor, está magro e escanzelado. N'esta casa é tudo tristeza, e a propria Balbina, que é portadora d'esta carta, e que tem ordem de o procurar até lh'a entregar, mudou a ponto de parecer outra. Sabe bem que é a nossa alegria. Não queira pois roubar o que nos pertence. Venha portanto, e seja com o bom intento que a esta casa pela primeira vez o conduziu.

D. Henriqueta de Carvalho.

Balbina dirigiu-se com a carta ao hotel da Europa, onde D. Henriqueta sabia que era a poisada de Barnabé. A criada perguntou por elle.

— O senhor Barnabé não está cá, lhe responderam. Saíu depois de almoço, e póde ser que não volte a casa senão á hora de jantar. É este o seu costume.

— E onde poderei eu ir encontral-o?

— Eu sei cá, mulher! Um homem que anda sempre na pandiga, póde lá a gente atinar onde elle pára a estas horas! Olhe cá você uma coisa. Sabe onde mora o doutor Barros?

— Eu sei lá onde mora esse doutor! Mas porque?

— É que póde ser que elle lá esteja.

— Mas porque diz você isso?

— Cá tenho as minhas razões...

— Não me esteja a infernesiar, homem! Se sabe alguma coisa diga-o para ahi.

— Eu não sei nada, mulher, respondeu o criado sorrindo. O que posso fazer é mandar-lhe ensinar onde mora o tal doutor.

— Pois mande; mas avie-se que tenho pressa.

— Já vae, já vae. Não ferva em pouca agua.

O criado de Barnabé chamou um moço de fretes, e mandou-lhe que acompanhasse Balbina. Chegada á casa de Barros, a criada tocou á campainha. Esperava ella que lhe abrissem a porta, quando uma voz de mulher assomada á janella perguntou:

— Que quer você, mulherzinha?

— Não é aqui que assiste o sr. doutor Barros?

— É sim senhora. Que lhe quer?

— O sr. Barnabé não costuma vir a esta casa?

— Costuma. Porque? Procura esse senhor?

— Ando em cata d'elle, sim, minha senhora. Trago-lhe aqui uma carta.

A pessoa que da janella fallou á criada de D. Henriqueta, foi Ermelinda. A moça despeitada porque Barnabé não vinha á hora do costume, espreitava por entre os vidros a chegada do que estava para ser seu marido. Era sua tenção sair-lhe á escada, e ahi, a occultas das irmãs, pedir-lhe severas contas por haver entrado tão cedo na infracção dos preceitos que ella lhe impozera. Como ouvisse o toque da campainha, crendo que era a pessoa esperada que tinha vindo por o outro lado da rua, e encostada á parede da casa, abriu a janella a fim de verificar se caira em erro.

Ermelinda desceu a escada, abriu de manso a porta, e tirou rapidamente das mãos de Balbina a carta de que era portadora, sem que a pobre mulher podesse retrahil-a a tempo.

Balbina, quando se viu sem a carta, gesticulou, e esteve para arremetter contra Ermelinda; mas esta socegou-a dizendo-lhe que ia entregar a carta a Barnabé, e que esperasse a resposta.

Vencidos os escrupulos da criada, a menina Barros subiu e encerrou-se no seu quarto.

A carta de D. Henriqueta não trazia sobrescripto. Esta circumstancia excitou a curiosidade de Ermelinda em quem havia feito mossa a repugnancia da criada em largar a carta da mão. Começou de examinal-a attentamente.

Não ha ninguem como a mulher para descortinar, atravez de apparencias, o que ha de verdadeiro nas coisas.

A carta exhalava um aroma exquisito. D. Henriqueta na ultima epocha das suas viagens pela Europa, tinha conhecido em Londres um official da guarnição de Bombaim, vindo á patria gozar entre parentes d'alguns mezes de licença, o qual tentou desposal-a. Viu-a o inglez uma tarde passeando em *Hyde-Park*, afastada do bulicio da multidão, e sorrindo melancolica para a relva que brotava da terra. De mais a mais D. Henriqueta era pallida, e dava ares da filha de um potentado indio que o inglez amára extremosamente, acabando pela roubar.

Foi isto bastante para que sir James Gray ficasse logo preso aos seus encantos. D'ahi por diante assediou-a por tal modo, que obrigou D. Henriqueta a significar-lhe em termos asperos que a não atormentasse mais, porque nem tinha paciencia para o aturar, nem motivos para lhe sacrificar o lustre de seu nome.

Em presença de tão cathegorica repulsa, o inglez fez-lhe mil promessas, e acabou por lhe offerecer a mão.

D. Henriqueta reconheceu então que era extremoso o amor do militar, condoeu-se d'elle, e permittiu-lhe que a visitasse.

Sir James Gray ia todos os dias a casa d'ella, e entre muitas dadivas côm que a brindou, deu-lhe um cofre de madeira de sandalo, cheio de frasquinhos das mais finas essencias d'aquella região de maravilhas e assombros.

Um tio de sir James Gray, cioso dos foros da sua nobiliarchia, soube por acaso do ardor matriomonial que impellia o sobrinho para a estrangeira. Enfureceu-o a nova, e quiz no primeiro impeto reprehender sir James, sobre quem tinha particular imperio. Reflectiu porém, e a reflexão aconselhou-o a andar caladamente no negocio do sobrinho.

Assim o fez. Dirigiu-se ao ministro competente, com quem estava relacionado, e conseguiu d'elle ordem immediata de embarque para o parente transviado do pundonor da sua raça.

Sir James Gray recebeu effectivamente ordem de embarque, e partiu a reunir-se ao seu corpo em Bombaim, deixando D. Henriqueta com o seu cofre de essencias da India.

Ermelinda estranhou, segundo referi, o perfume da carta, e não teve força de superar a impaciencia. Abriu e leu-a. Quando acabou, pegou na penna e respondeu n'estes termos á carta de D. Henriqueta:

«Ninguem lhe deu direito de me roubar um coração que é meu, e que está para o ser pelos laços do matrimonio. Sei porém que não tem culpa. É elle o malvado. Enganou-me fazendo-me crer que era eu a unica possuidora do que já lhe não pertencia. Felizmente a sua carta veiu allumiar o que para mim era escuridade. O que me cumpre fazer não o ignoro. Entre a vergonha e o meio de me esquivar a ella não hesito. Consola-me a idéa de que vae agora experimentar, se o ama, dor egual á minha.»

D. Henriqueta, depois que recebeu esta carta, instou com a criada Balbina para que a deixasse só. Resistiu ella dizendo que não podia deixar sua ama quando a via tão incommodada: mas a viuva não attendeu a razões e persistiu no intento.

Saída Balbina do quarto, fechou-se D. Henriqueta por dentro. Depois encaminhou-se para o leito, lançou mão d'um lençol, torceu-o, e enforcou-se com elle.

Eu bem sei que o leitor está pasmado d'este modo sêcco e hirto com que eu costumo descrever as mais negras e medonhas catastrophes do meu romance. Mas que lhe hei de eu fazer, se entendo que é melhor, mais commodo e menos ridiculo, dizer assim as coisas de um modo simples do que chorando?

Chegou Barnabé a casa do doutor Barros, e foi direito á sala onde Ermelinda tinha por costume acceitar-lhe a visita. Estava a sala vasia. Retrocedeu o moço na intenção de a ir procurar; mas, como encontrasse Rosalina, pediu a esta que fosse avisar a irmã da sua presença.

Foi Rosalina direita ao quarto de Ermelinda, e abriu a porta. A irmã estava deitada sobre a cama. Rosalina approximou-se d'ella nos bicos dos pés, cuidando que dormia, e chegou o rosto á cara da irmã. Ermelinda não respirava. Agitou-a, mas a irmã ficou da mesma fórma immovel, e sem dar signal de vida.

Apavorou-se Rosalina, e correu exclamando que a irmã era morta. A este grito acudiram todos, e o bacharel que n'essa occasião se achava em casa. Rodeou a familia a cama de Ermelinda, ora chamando-a, ora investigando se estaria morta.

Estavam n'isto quando Barnabé assomou á porta. O ex-estudante anteviu n'um relancear de olhos o acontecido. Quando de todo se desenganaram que Ermelinda estava morta, volveram a attenção para Barnabé, que se conservava hirto e parado no limiar da porta.

— Que desgraça! sr. Barnabé, disse Jacintha; está morta a mana Ermelinda!

Barnabé abriu a boca para fallar, mas não articulou palavra. Tinha os cabellos arripiados, os olhos esgazeados. O quadro que elle estava presenciando era para amedrontar indifferentes, quanto mais a elle que tinha atraz de si tantas mortes.

Estava Ermelinda sobre a cama, as irmãs carpindo em volta d'ella, e Jacintho de braços cruzados em frente de Barnabé. Reinava silencio, quando uma das meninas Barros enxergou atravez das lagrimas um copo que estava á cabeceira da cama da fallecida. Correu a elle, pegou-lhe e gritou:

— Matou-se! Este copo ainda tem dentro um resto de vidro moido.

Effectivamente Ermelinda envenenára-se. Parece-lhes pouco natural este suicidio? Não justificará o caracter da moça tão violenta resolução? Ha familias, nas quaes o suicidio é herança. O visavô de Barros matára-se por ciumes; e um tio que havia sido corregedor em um dos bairros da capital, tambem dispoz da existencia em beneficio da morte, por causa da sua governante lhe haver quebrado de proposito uma caixa de rapé, que tinha na tampa os cabellos de uma mulher que elle muito amára nas suas viagens por paizes estranhos.

Barnabé saiu de casa de Barros e correu para o hotel. Disse-lhe o criado que Balbina o havia procurado.

Barnabé fingiu que o não escutára, mandou fechar as portas das janellas e deitou-se ás escuras sobre a cama. Momentos depois da entrada de Barnabé, appareceu de novo a criada de D. Henriqueta. Não queriam deixal-a ir ter com Barnabé, mas Balbina tão grande alarido fez que conseguiu entrar no quarto onde o moço jazia.

— A senhora matou-se! Disse Balbina entre muitas lagrimas e soluços.

Barnabé sentou-se na cama e exclamou:

— Que dizes mulher?

— É verdade, senhor. A menina Henriqueta quando recebeu a carta que o senhor lhe escreveu, mandou-me saír do quarto dizendo que queria dormir. Teimei com ella, para me deixar alli estar, mas a menina não quiz. Fui então para a cozinha dar ordem ao jantar. No fim de uma hora, pouco mais ou menos, encaminhei-me ao quarto d'ella para saber como estava, porque o senhor bem sabe que eu era muito amiga da menina Henriqueta, e que não podia estar muito tempo longe d'ella. Achei a porta fechada. Vigiei pelo buraco da fechadura, mas vi tudo negro. A senhora tinha dependurado sobre a chave um dos seus vestidos. Bati e tornei a bater. Como não me abrisse, desconfiei logo que alguma coisa lhe havia succedido, e desci abaixo á fabrica de carruagens, onde contei o caso e pedi que alguem me viesse arrombar a porta. Não estava o mestre em casa, mas acompanhou-me o aprendiz. A porta foi arrombada. Quando entrei no quarto ainda a senhora tinha algum calor. Estava enforcada em um dos ferros do leito com o lençol! Tirei-a para fóra. Pouco a pouco foi arrefecendo até que ficou hirta como aquella porta. Vim então procurar o senhor. O maroto do criado não queria deixar-me entrar. Pobre menina! hi! hi! hi! hi!...

....

N'esse mesmo dia Barnabé embarcava para a outra

banda no vapor Camões. De lá seguiu o caminho de Hespanha. Demorou-se pouco na peninsula, mas não sei para que paiz se dirigiu. Foi-me dito por uns amigos d'elle, conhecidos de Lisboa, que o viram em Madrid, que ia muito triste, e que lhes respondêra n'estes termos quando elles quizeram informar-se do destino que levava.

— Eu sou o judeu errante. Não me perguntem para onde vou. Ando em busca de uma terra onde não haja mulheres. N'ella é que hei de parar.

Riram-se os sujeitos de Barnabé, e olharam uns para outros dizendo: Está doido!

Depois d'estas, não me chegarão mais noticias do meu heroe.

Como em toda a parte ha mulheres, é de crer que ainda não parasse, e que mais dia menos dia o tenhamos outra vez por cá, esquecido de Henriqueta, de Ermelinda, das raparigas de Coimbra e da tricana de Aveiro.

O que posso fazer, quando elle vier, é prevenir a leitora para que se acautele, e para que não cáia na fraqueza de sympathisar com tão funesto homem!

Matheus de Magalhães.

COLUMNATA DO TEMPLO DE ISIS NA ILHA DE PHILAE

Ha na margem direita do Nilo, defronte da antiga Syene, hoje Assuan, a rainha das cataractas, duas ilhas gemeas; Philae e Beghe: esta recamada de granitos enormes, onde os mais curiosos geroglyphicos sastifazem a ancia perscrutadora dos egyptologos; e a outra, mais importante, mais rica ainda, mostra com orgulho as suas ruinas dominadas por um gracioso templo descoberto. É um asylo onde o viajante fórma logo o projecto de se demorar por algum tempo, porque Philae lhe traça um circulo magico. A pureza do ar, o encanto da verdura, a solidão, a paz profunda, são as seducções d'esta Armida innocente de que se não póde apartar.

Os auctores da viagem que estamos extractando, MM. Henry Cammas e André Lefèvre, dizem que em Philae ha apenas um unico habitante, mui velho, guarda fiel d'esta ilha encantada. Que fôra elle quem lhes decifrára os traços que tantos seculos deixaram n'aquella nésga de terra, indo adiante dos dois investigadores, misturando nas suas explicações os nomes de Isis, Mahomet e Jesus, tratando os emires e os sultões por pharaós e cesares.

Ha na ponta do sul da ilha um pequeno obelisco sem pyramidial, sem geroglyphicos, que precede o templo de Hator, edificio *hypæthro* (descoberto), cujas columnas tem os capiteis formados de cabeças de mulher com orelhas de vitella. Hator participa com Isis da soberania religiosa de Philae. São deusas irmãs, dois nomes femininos de principe, o amor e a fecundidade. Se o gavião e a coroa de flores azues pertence a Hator, tem ambos de commum o disco e a cabeça de vitella, animal que lhes é consagrado. Ambos se assimilham a Venus, a Cybelles e á vacca Io. Coroadas do disco e das pontas bovinas, parecem estar dizendo aos seus adoradores: Vêdes sobre as nossas cabeças o emblema da luz? É porque conhecemos o segredo da vida e do destino. Mas não tenteis roubal-o, porque temos armas para nos defendermos!

Duas columnatas de comprimento desegual, e cuja divergencia progressiva attenua o erro de optica que augmenta e estreita os objectos á medida que elles fogem para o horisonte, ligam o templo de Hator ao portico do templo de Isis. A mais importante, a oeste, tem trinta e tres columnas médias, cujos fustes são de pedra entalhada, e os seus capiteis variados com tanta arte, que nenhum d'elles se repete. Dezeseis columnas menos lavradas formam a columnata oriental, cuja serie parece terminar diante de um pequeno templo que está quasi todo sotterrado, e era dedicado a Imutph-Esculapio, filho de Hator e de Phta. Ao meio da galeria de oeste, ha uma escada que vae ter á praia do Nilo, mas que muitas vezes fica occulta na enchente. Este propyleo pertence á epocha da dominação romana, mas não é menos bello. Por toda a parte se vê a cabeça de Augusto, o perfil sceptico de Tiberio, ou a face bestial de Claudio, sobre corpos enormes, mas esguios, moldados uniformemente pelo typo sagrado de que a arte egypcia se não aparta jámais.

No mesmo axe, e por traz de montões de ruinas, onde se vêem ainda dois leões mutilados, se erguem os dois primeiros pilares, embebendo nos seus massiços um pequeno propyleo primorosamente esculpido, unico resto de um templo de Isis construido no reinado de um dos Nectanebas. Sobre esta fachada, seu fundador, Ptolomeo Philometor, sob a figura de um gigante, offerece a Isis e Horo os prisioneiros que elle segura pelos cabellos com uma só mão. Uma inscripção franceza datada de 13 *ventóse* anno VII, se lê ainda sobre a face interna do pilar oriental. Sobe-se a estes pilares por uma escada que deita para um pateo que fica por traz d'elles. Os lados d'este pateo são formados por dois edificios que os Ptolomeos tinham consagrado a Hator e Isis, um ao occidente era *perhypæthro* (sem paredes nem tecto); o outro, ao oriente, composto de muitas divisões, conserva ainda uma columnata que fórma galeria para o pateo. As esculpturas são mui notaveis.

Dois segundos pilares fecham este pateo; tem cada um 14 metros e 50 centimetros de altura, e assentam sobre um rochedo. No granito da base natural tem uma inscripção que diz fôra construido por Evergeto II, o qual está tambem representado em grandes baixos relevos, dedicando este templo a Isis e Horo. Por traz dos pilares, n'um segundo pateo que vae dar ao Nilo por um corredor, inscreveu o Instituto do Egypto a situação de Philae a 24° 34' 17'' de longitude oriental de Paris.

Saindo d'este pateo, pelo corredor de oeste, desemboca-se defronte da Ilha de Beghe por baixo de uma columnata que é separada do Nilo pelas ruinas de um templo, cujo portico fórma a galeria occidental do primeiro pateo.

Os quatro pilares e os dois pateos annunciam dignamente o grande templo de Isis. Dez bellas columnas alterosas, outr'ora recamadas de pinturas de que ainda se divisam as côres, sustentam um *pronaos* soberbo, a maravilha de Philae. Muitos repartimentos cheios de esculpturas, que ministram aos artistas excellentes modelos de vasos, usos e costumes do seculo III da nossa era, formam o sanctuario; ao fundo ha um nicho de granito vermelho destinado para o gavião. O gavião de Hator é tambem o de Isis.

Do lado do Nilo, as paredes exteriores abundam em geroglyphicos e figuras. Por detraz do templo ha muitas edificações arruinadas, feitas de deuses mutilados, sem cabeça nem pernas, quebrados para fazer paredes, ou talhados para portas, janellas e escadas, como nos muros da edade média se acharam tambem muitos baixos relevos romanos. Distinguem-se ainda os restos de uma egreja que os christãos tinham feito com as demolições dos templos egypcios. Esta egreja porém durou menos que os templos seus predecessores.

Em frente do grande templo, quasi na extremidade norte, entre bosques de palmeiras, corre agua mui limpida por baixo dos arcos de tres portas arqueadas, e se esvae pelos degraus de uma escadaria toda

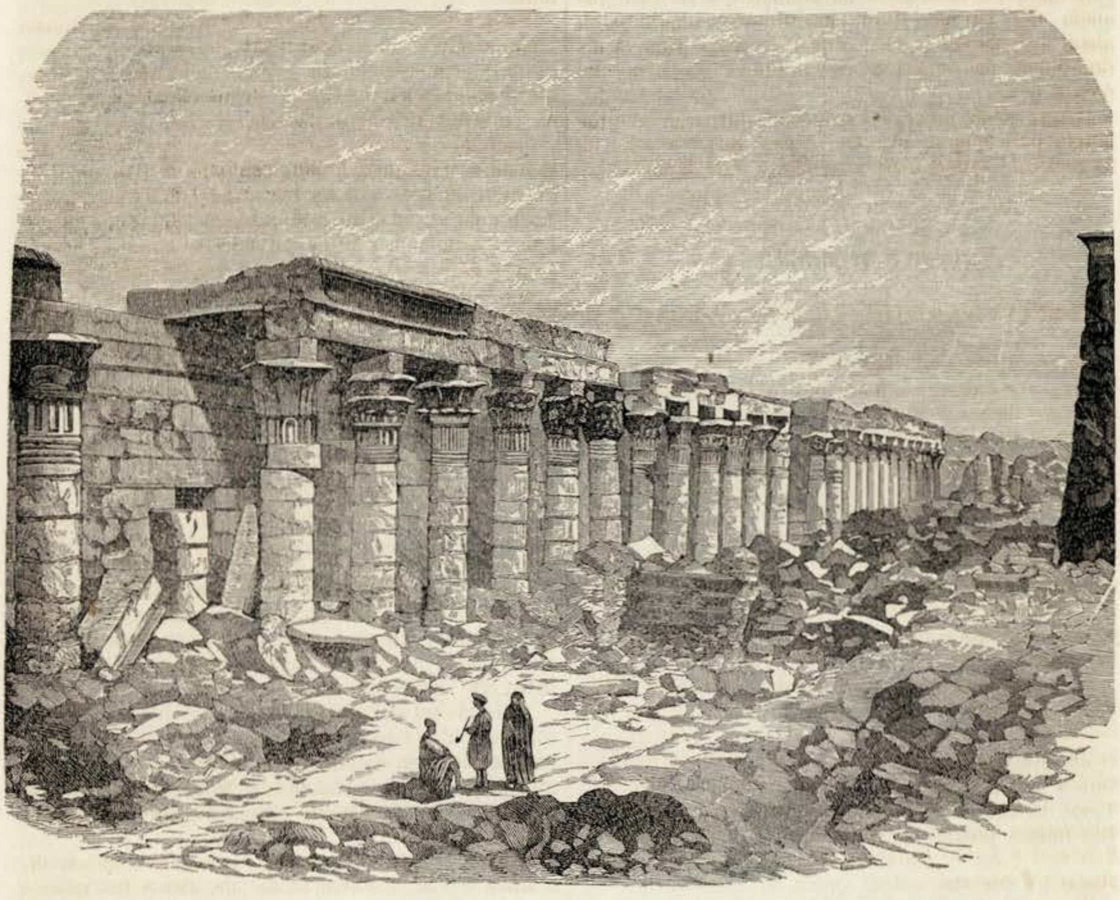
em ruinas. Era o aquartelamento ou arco triumphal de Diocleciano.

Voltando para a margem oriental, vê-se a bella sala descoberta que, dominando o Nilo por um elevado terrasso, attrahe invencivelmente os olhos do observador para o templo *hypæthro* de Isis, formado de quatorze columnas e de uma soberba architrave. É o que representa a nossa gravura.

O espaço que se estende aos pés do eminente propyleo de Nectaneba, está juncado de ruinas, entre as quaes se occulta um pequeno sanctuario consagrado a Hator mãe; apenas se descobre o gracioso portico e os baixos relevos tisnados pelo fogo que alli accendem os viajantes para cozinhar.

Taes são os edificios e ruinas que alastram quasi toda a ilha de Philae, que tem uns 370 metros de comprimento, e 240 de largura. Os edificios que ainda se conservam de pé, occupam sómente a nona parte.

Os templos de Hator e de Isis podiam-se restaurar facilmente. Se é verdade que a epocha dos Rhamses viu levantar a maior parte dos colossos e edificios grandiosos, a accessão dos Ptolomeos foi o signal que despertou as letras e artes. O que esses templos perderam em enormidade, ganharam em regularidade e



Columnata do templo de Isis na ilha de Philae

graça. As restaurações romanas cairam no desagrado dos egyptologos; mas a influencia grega, menos violentamente imposta á architectura pharaonica, mais de dois seculos antes da conquista de Alexandre, no tempo de Psammetico e Amasis, modificou-lhe as tradições sem lhe alterar o espirito, sem imprimir nas suas obras o cunho estrangeiro. É assim que os peristylos vão bem no templo de Hator, edificado um seculo antes por Nectaneba, e que o soberbo *pronaos* do templo de Isis junta á elegancia attica a magestade egypcia. Porque não será pois a sciencia grata aos Ptolomeos e á ilha de Philae? Foi n'esta ilha que Belzoni achou a inscripção bilingue, onde os nomes de Ptolomeo e de Cleopatra, escriptos em geroglyphicos eguaes aos da inscripção de Rosetta, descobriram a Champollion Junior a existencia dos caracteres phoneticos na escripta egypcia, e lhe facilitou o descobrimento d'esta lingua.

Philae tem a sua historia politica e religiosa. Chave das cataractas do Nilo, foi a barreira das dynastias thebanas contra as invasões das hordas ethiopes; foi esta ilha o refugio dos thebanos, quando os povos do Norte, pastores ou hykros, inundaram o baixo e medio Egypto. Os Rhamses, vencedores dos estranhos, povoaram de edificios as duas ilhas sagradas, berço da independencia renascente; e se Philae não conservou nenhum d'elles, acham-se em Beghe importantes ruinas pertencentes ao reinado de Amenophir, successor de Moeris, e descendente de Sesostris.

Amenophis, o Memnon grego, indo combater os ethiopes, deixou n'um rochedo uma inscripção commemorativa da sua passagem. Póde-se attribuir ás devastações de Cambyses, pelos fins do seculo VI, a pobreza de Philae em edificios antigos. Nectaneba, da ultima dynastia nacional, começou a levantal-a das ruinas em 370; os Ptolomeos continuaram a restauração interrompida pela conquista persa; e depois os Cesares acrescentaram a herança grega. Quando o imperio, ameaçado ao norte, se retrahiu ás suas fronteiras meridionaes, Philae foi a sua ultima cidadella

em a Nubia. Diocleciano fortificou-a, e ahi construiu o arco de triumpho ou quartel, de que ainda restam as tres portas arqueadas ao norte da ilha, das quaes já fallámos.

Quando Pharaós, Ptolomeos e Cesares abandonaram Philae, os seus deuses ahi ficaram, e sustentaram um longo assedio contra as novas crenças. O antigo Osiris tinha alli o seu tumulo; Isis e Hator, a multidão de pontifices e sacerdotizas, que não podiam abandonar os idolos, baixaram depois da morte á necropole subterranea, onde sem duvida estava depositado o deus tutellar. A santidade de Philae tinha crescido com o culto das divindades proprias d'esta ilha, porque nenhum deus egypcio se propagou tanto no mundo romano como Osiris e Isis, os quaes, com seu filho Horo, nos ultimos seculos antes da nossa era, foram os chefes da hierarchia pagã. A ultima triade eclipsou a primeira. Foi o islamismo que teve a triste gloria de acabar com o idolo innocente; mas não pôde substituir ao seu pacifico reinado que a solidão e o nada.

CANTOS FLUMINENSES [1]

(SOBRE A QUESTÃO ANGLO-BRASILEIRA)

HYMNO

Soldados valentes, soldados briosos,
Soldados da terra bemdita da Cruz,
Ás armas! erguei-vos! A aurora desponta
Vertendo nos prados torrentes de luz!

A guerra não tarda! Já brilham nos campos
Espadas lustrosas do sol ao fulgor;
Misturam-se os brados ao som das cornetas
E ao rufar ruidoso de rouco tambor!

Não vêdes? Ao longe, na praia sem termo,
Os lenhos aportam de horrendo pirata.
Ás armas!... ás armas! torrentes de sangue
Engrossem as ondas raivosas do Prata!

O dia é dos grandes, o dia é dos bravos
Que a patria defendem ou tombam no chão;
Lavae as campinas da patria querida
Das fundas pisadas de ousado bretão!

Quem ha que vos vença? Quem ha que atrevido
Vos roube a bandeira que ardente reluz?
Soldados valentes, soldados briosos,
Soldados da terra bemdita da Cruz!

Ávante, guerreiros! O genio das luctas
Seus cantos tremendos pelos ares espalha;
Resvalam as balas, relincham cavallos,
Retumbam, ribombam, bombarda e metralha!

O dia é dos grandes, o dia é dos bravos,
Que a patria defendem ou morrem no chão.
Soldados briosos, soldados valentes,
Lavae as offensas do ousado bretão!

Á PROVINCIA DE S. PAULO

Terra da liberdade!
Patria de heroes e berço de guerreiros,
Tu és o loiro mais brilhante e puro,
O mais bello florão dos brasileiros!

Foi no teu sólo, em borbotões de sangue,
Que a fronte ergueram destemidos bravos
Gritando altivos, ao quebrar dos ferros,
Antes a morte que o viver de escravos!

Foi nos teus campos de mimosas flores,
Á voz das aves, ao soprar do norte,
Que um rei potente, ás multidões curvadas,
Bradou soberbo — Independencia ou morte!

Foi de teu seio que surgiu, sublime,
Trindade eterna de heroismo e gloria,
Cujas estatuas, cada vez mais bellas,
Dormem nos templos da brasilea historia!

Eu te saúdo, ó magestosa plaga,
Filha dilecta, estrella da nação,
Que em brios santos carregaste os cilios
Á voz cruenta de feroz bretão!

Pejaste os ares de sagrados cantos,
Ergueste os braços e sorriste á guerra,
Mostrando ousada, ao murmurar das turbas,
Bandeira immensa da Cabralia terra!

Eia! caminha; o Parthenon da gloria
Te guarda o loiro que premia os bravos.
Vôa ao combate repetindo a lenda:
«Morrer mil vezes que viver escravos!»

L. N. F. VARELLA.

[1] Vid. pag. 47 d'este vol.

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

III

O IMPERADOR DO ESPIRITO SANTO

Quasi todas as romarias, cirios e procissões que se faziam, e muitas das que ainda se fazem, em Portugal, marcam alguma era, quer de ventura quer de calamidade, em que se haja recorrido á protecção de Deus, da Virgem Maria ou dos santos.

A festa popular do imperador do Espirito Santo, com arraial e bodo, instituida pela rainha santa Isabel na villa de Alemquer, em 1295, que depois se propagou a muitas cidades e villas até aos nossos dias, teve origem n'um voto feito por occasião de peste.

É mui singular a lenda da instituição d'esta festa; e mais ainda, o haver tantas memorias escriptas a respeito d'ella, sem que em nenhuma se avente, sequer, a razão de se eleger um homem do povo para imperador, que assiste á festividade, de septro e coroa, sentado em seu throno, com dois aos lados figurando de reis, tendo pagens, corte, etc.

O P. José Pereira Bayão no livro intitulado: *Portugal Glorioso*, compendiando a vida da rainha santa Isabel, resume o seguinte a respeito da instituição do imperador do Espirito Santo.

Depois de nos contar piamente como a rainha santa Isabel achára traçada pelos anjos a egreja do Espirito Santo da villa de Alemquer, onde então residia a corte, e os alicerces já á flor da terra, templo que ella concluiu pagando os jornaes com rosas que se transformavam em dobras, continúa dizendo:

«Sabendo isto el-rei, e admirado do caso, pretendeu entrar nos gastos d'esta milagrosa obra. Não lh'o consentiu a santa rainha, mas ambos de mão commum lhe applicaram a renda, proveram a sacristia, fundaram o hospital, e assentaram as festas que se deviam fazer ao Espirito Santo pelo decurso do tempo, levantando confraria, encabeçada nos nobres, para que sempre a sustentassem.

Principiavam as festas domingo de paschoa da Resurreição com uma procissão solemnissima, que chamam *o Imperio*, a qual saia do convento de S. Francisco, e se recolhia na egreja do Espirito Santo, e era assim chamada por ir n'ella, e ser uma principal parte de que se compunha, um imperador acompanhado de dois reis com suas esposas, e sequito de pagens e nobreza, os quaes offerecendo primeiro as suas coroas a Deus Nosso Senhor no altar-mór de S. Francisco, eram coroados com ellas por mão de um religioso revestido em habitos sacerdotaes, e no fim da procissão as tornavam a offertar ao divino Espirito no altar da sua egreja, por mão de um sacerdote; e tornando a ser coroados, se assentavam em um throno debaixo de um docel, para assistir ás danças e outros festejos dos nobres, com o que se concluia; instituido tudo mysteriosamente pelos ditos reis, santa Isabel e seu marido el-rei Diniz, em obsequio e applauso do mesmo Senhor, a cuja imitação veiu a se instituir e usar, pelo tempo adiante, o mesmo Imperio em outras partes do reino.

E esta procissão se repetia todos os domingos até ao de Pentecostes. No sabbado, vespera d'este, se fazia de tarde a ultima e muito mais solemnissima, em que se cercava a villa toda com um rolo de cera, que chamam candeia, que a santa rainha applicou para esta festividade, e por meio d'ella tem Deus obrado raras maravilhas a favor d'aquelle povo. Esta candeia, que são quantidade de arrobas, e se benze primeiro na dita egreja de S. Francisco, e d'ahi ficando a ponta presa e accesa sobre o altar-mór, se vae estendendo até á egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Triana, onde se faz o mesmo, e nas costas da procissão se vae recolhendo, e se offerece á mesma Senhora, e depois se reparte pelas mais egrejas para serviço do culto divino, e n'esta se recolhe a ultima procissão, e d'aqui se passa logo á ceremonia de benzer o pão e a carne, que está já preparada e determinada, para se repartir pela villa, e gastar no dia seguinte no bódo e casa do Espirito Santo.

Na festa do mesmo Espirito Santo, concluidos os cultos sagrados que se faziam os tres dias com magestosa devoção, começavam festas seculares de toiros, argolinhas e cannas, a que concorria a nobreza de Lisboa e de outras partes do reino, e em todas estas festas succederam em annos diversos estupendos milagres. Ordenou-se no compromisso que se fizesse um bódo aos irmãos e devotos no maior dia da festa, no qual se costumavam gastar cento e trinta alqueires de trigo, com a carne dos sete toiros que primeiro se corriam na sexta feira antecedente.»

Fr. Manuel da Esperança, na *Historia Serafica*, refere esta lenda com muitas variantes, por este modo: «Dia de paschoa pela manhã, entra na nossa egreja (a do convento de S. Francisco de Alemquer) o que ha de ser imperador, assistido de dois reis, e todos acompanhados da nobreza e do povo, com tres pagens que lhes trazem tres coroas, *uma das quaes deixou para este acto a rainha santa Isabel*. E sendo primeiro offerecidas no altar do Senhor dos senhores, um religioso vestido em vestes sacerdotaes, corôa a todos tres, que assim coroados acompanham a nossa procissão de Christo resuscitado.

No mesmo dia á tarde sáe da egreja do Espirito Santo o dito imperador com muitas festas e trombetas, grande multidão de gente com cannas verdes nas mãos, e dois pagens adiante, um d'elles com a coroa, o outro com o estoque; e tornando a este nosso convento, n'elle se faz a mesma coroação. O sacristão dá ramalhetes aos nobres, *e elles costumam aqui dançar com duas donzellas de muita honestidade*, que, a titulo de se lhes dar parte do dote para o seu casamento, acompanham o imperador, e se chamam *suas damas*.

Acabada esta festa torna elle á sobredita egreja, da qual saiu, com a mesma magestade, onde depois de offerecer a coroa no altar, pelas mãos de um sacerdote a recebe outra vez. Logo se assenta em throno, debaixo de um docel, *e os nobres, repetindo os seus bailes, o festejam cortezmente*.

Eram tantos os gastos em estas occasiões, que el-rei D. Manuel os limitou a duas fructas, as quaes se dão a quem se acha presente.

D'este modo continúa o Imperio pelos domingos seguintes antes do dia da festa, e o ultimo, que em razão das mesmas festas entrarem muito pela noite necessitava de luzes, ainda hoje (1655) se chama o *domingo dos fogaréos*,

Solemnisam-se as vesperas com a procissão nomeada da *candeia*, da qual tambem foi auctora a santa rainha. Sáe do nosso convento com toda a pompa e grandeza do *Imperio*, acompanhando um homem que leva umas *madeixas de cêra benta* nas mãos, da qual fica ardendo uma ponta sobre o altar, e o mais se estende pela villa até chegar á egreja de Nossa Senhora de Triana. Aqui ordenou a santa que toda se enrolasse, para depois se gastar nos divinos officios e missas, ficando já cingido todo o corpo da villa com o fio da sua intercessão, ajudado por uma parte da Imperatriz dos anjos, e por outra do Patriarcha dos pobres. E assim aconteceu, que abrasando-se este povo em cruelissima peste, a mesma candeia estendida pelas ruas lhe purificou o ar corrupto, e desterrou o contagio.

Mas hoje, alterada a sua disposição, a candeia se reparte pela nossa e mais egrejas da villa; e a procissão vae adiante com ella até á casa do Espirito Santo, aonde logo se benze a carne, e mais o pão que no dia seguinte se ha de gastar no vodo.»

O P. Luiz Cardoso no seu mui noticioso *Diccionario Geographico*, diz que no cartorio do hospital do Espirito Santo de Alemquer, havia no seu tempo um livro em que se achava lançada uma memoria feita por Francisco Telles, escrivão do dito hospital em 1561, a qual referia que na camara d'aquella villa existia uma escriptura feita por tabellião, com testimunhas, authenticando o sonho que tivera a rainha Santa Isabel, pelo modo referido na lenda que fica transcripta.

Relatava mais a memoria do escrivão Telles, que junto á egreja fundára a piedosa rainha um hospital, entregando a regencia d'elle aos moradores de Alemquer e seu termo; acrescentando: «que havia n'aquelle tempo 4:887 homens de alardo, fóra 26 cavalleiros de esporas doiradas, vassallos, besteirós de cavallo, e de conto, monteiros e valladores que faziam mais de 1:000 homens.»

Outra memoria citada pelo mesmo auctor diz: que a candeia ou rolo de cêra que se vae estendendo por todo o transito da procissão, fôra um voto e offerta que a villa de Alemquer fizera á Senhora da Assumpção de Triana, por a livrar da peste que affligiu este reino em tempo del-rei D. Affonso II.

Em Lisboa fazia-se a festa do Espirito Santo no adro do convento das freiras da Esperança, ainda não ha muitos annos, para o que desde sabbado de Alleluia andavam por essas ruas uns homens de capa com bandeiras encarnadas, as quaes tinham por emblema uma pomba de prata, symbolo do Espirito Santo, que davam a beijar, isto ao som de gaita de folle e tambor. E era crença popular, que em casa onde entrasse esta bandeira, e se désse esmola para a festa, não succedia n'aquelle anno nenhuma desgraça á familia.

O P. Alberto Pereira Rey, na *Breve noticia das festas do imperador do Espirito Santo*, diz que os naturaes dos Açores que se achavam em Lisboa no anno de 1753, foram os que alcançaram licença del-rei e do cardeal patriarcha para na egreja do convento da

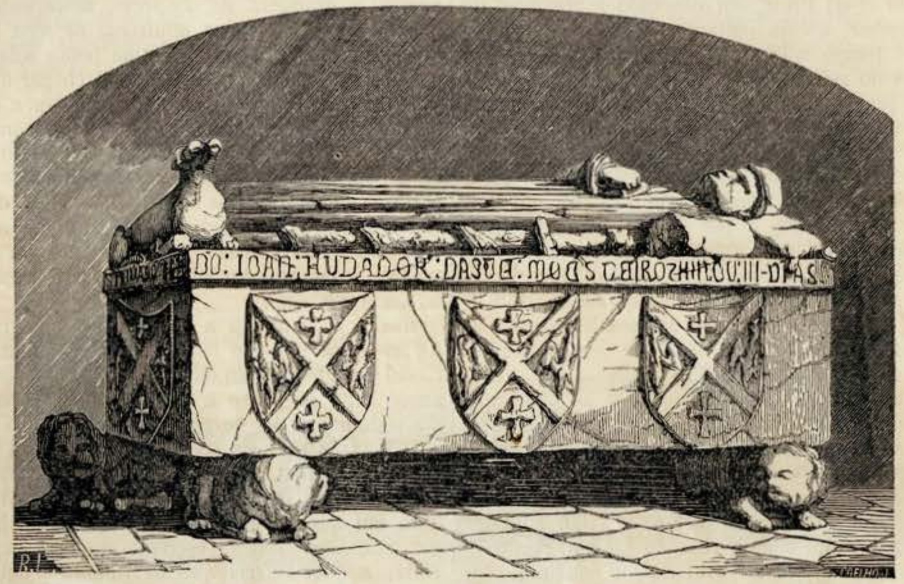
Esperança fazerem a festa do Espirito Santo, e coroar o seu imperador, e no adro darem o bódo; acrescentando que tinham escolhido aquella egreja por haver tradição de já em tempo antigo se festejar alli o Divino Espirito.

Este auctor mostra-se muito escandalisado de ter ouvido dizer ao povo, estranhando a novidade do festejo, *que era bom modo de tirar dinheiro;* e por zombaria, *que não era má festa, porque se fazia comendo e bebendo.*

Nas provincias, e principalmente nas ilhas dos Açores, onde dizem que instituiu uma irmandade para a festa do Imperio, o primeiro donatario de Angra, João Vaz Corte-Real, subsiste ainda esta usança, que tem já os seus seis seculos de antiguidade.

MAUSOLÉO DE JOÃO DAS REGRAS

Diz o nosso elegante escriptor fr. Luiz de Sousa, na sua *Historia de S. Domingos*, que ouvíra de *um religioso muito velho, e bem visto nas antiguidades de nossos conventos;* que o mausoléo do illustre chanceller, privado del-rei D. João I, estivera primitivamente no adro da egreja de S. Domingos de Bemfica, junto da porta. Além de ser isto um costume antigo muito geral, e mais usado pelos nobres do que pelos plebeus, para darem d'esta arte um testimunho, ao menos na morte, da sua humildade christã, é de suppor que João das Regras preferisse mandar-se sepultar fóra da egreja, visto ser o dito templo e convento fundação mais del-rei do que propriamente sua.



Mausoléo de João das Regras em S. Domingos de Bemfica

Não consta porém a epocha da primeira trasladação do tumulo. Apenas se sabe que por muitos annos esteve no meio da egreja velha, onde, attenta a estreiteza d'esta, causava grande pejamento, incommodando sobre maneira as pessoas que alli concorriam aos officios divinos. Por este motivo, quando se reconstruiu o templo no seculo XVII, foi mudado outra vez o mausoléo para junto da porta da egreja, da parte de dentro, onde ao presente se acha. Mas não se fizeram estas mudanças sem algum damno do monumento, como se poderá ver da gravura que publicâmos.

A pag. 90 encontrarão nossos leitores a descripção d'este tumulo, juntamente com a historia resumida da egreja e convento. E pois que no capitulo do nosso *roteiro de Lisboa*, em que tratâmos d'este edificio, não podémos ultrapassar certos limites que pozemos á dita obra, tornando agora a fallar no convento de S. Domingos de Bemfica, vamos aproveitar o ensejo para referir uma circunstancia, que póde servir de auxilio para a historia dos tributos em Portugal, materia tão interessante para o estudo, quanto escura e difficil.

Os religiosos dominicos, nos primeiros tempos depois da sua installação no mencionado convento, viviam na mais extrema pobreza. A horta e pomares da quinta real, então convertida em cerca do convento, forneciam-lhes tão escassos recursos, que apesar da rigida sobriedade e abstinencia que reinavam no refeitorio, ainda mais como aperto da regra, do que como effeito da necessidade, eram obrigados os frades a recorrer continuamente á caridade dos fieis. E deve-se dizer em honra sua, que os proprios que estendiam a mão a maior parte dos dias, pedindo esmola ora aos visinhos, ora ao senado da camara de Lisboa, e a algumas pessoas abastadas da cidade, logo que viam sobras na despensa apressavam-se a esmolar, repartindo com os pobres d'aquellas cercanias.

Entretanto, ou fosse porque não bastasse para a sua sustentação o producto das esmolas, ou porque desejassem ser menos pesados á caridade publica, soccorreram-se ao trabalho, como fonte de recursos muito agradavel a Deus. Começaram pois a fazer colheres de pau, que mandavam vender á cidade, empregando n'esse mister todas as horas que tinham vagas das suas obrigações religiosas.

Querendo el-rei D. João I fazer mercê áquelles bons religiosos, auxiliando no seu trabalho os que d'est'arte sabiam combinar os preceitos e encargos da ordem, com a actividade de cidadãos industriosos, expediu um alvará em que ordenava: que *das colheres do convento que forem vender á cidade senão leve siza nem direito algum pera a coroa.*

Á vista d'este documento, que se conservava no cartorio do convento, parece fóra de duvida que é muito antiga em Portugal a pratica dos impostos industriaes, pois que estavam sujeitas a tributos industrias fabris tão pequenas como a que mencionâmos.

I. de Vilhena Barbosa.